

Alma sacerdotal

No Ano sacerdotal convocado pelo Papa por ocasião do 150º aniversário da morte de São João Maria Vianney, intensificámos a nossa oração pelos sacerdotes e consideramos uma realidade essencial da nossa vida: todos, sacerdotes e leigos, temos alma sacerdotal.

11/06/2010

Se actuas – vives e trabalhas – cara a Deus, por razões de amor e de serviço, com alma sacerdotal, ainda que não

*sejas sacerdote, toda a tua acção
ganha um genuíno sentido
sobrenatural, que mantém unida a tua
vida inteira à fonte de todas as graças*
[1]. Com as palavras “alma
sacerdotal” S. Josemaria Escrivá de
Balaguer expressa uma realidade
essencial da pessoacristã e da sua
existência: pelo Santo Baptismo, o
cristão está configurado com Cristo e
recebe o sacerdócio comum,
participação do único sacerdócio de
Jesus Cristo.

A alma sacerdotal – como assinala S.
Josemaria – manifesta-se no desejo
de agir com visão sobrenatural e por
amor, com afã de serviço. O adjectivo
“sacerdotal” expressa qual há-de ser
a nossa atitude vital: oferecer
sacrifícios a Deus em Sua honra e
para o bem dos nossos semelhantes,
pois a caridade é vida da alma.

Pelo sacerdócio ministerial, os
sacerdotes são configurados com

Cristo e actuam nos sacramentos – de modo eminente, na celebração da Eucaristia – *in persona Christi capitis Ecclesiae*, na pessoa de Cristo cabeça da Igreja: em nome de Cristo e da Sua Igreja. A ordem sagrada está ao serviço do sacerdócio comum. Este último, essencialmente distinto do sacerdócio ministerial [2], permite que cada cristão se ofereça a si mesmo e toda a sua vida em sacrifícios espirituais [3], unindo-se ao sacrifício da Cruz actualizado no mistério eucarístico.

O cristão sabe que está enxertado em Cristo pelo Baptismo; habilitado a lutar por Cristo pela Confirmação; chamado a actuar no mundo através da participação na função real, profética e sacerdotal de Cristo [4]; sabe-se *chamado a servir a Deus com a sua acção no mundo, pelo sacerdócio comum dos fiéis, que confere uma certa participação no sacerdócio de Cristo, a qual - sendo*

essencialmente diferente daquela que constitui o sacerdócio ministerial - o torna capaz de tomar parte no culto da Igreja e de ajudar os homens no seu caminho para Deus, com o testemunho da palavra e do exemplo, com a oração e a expiação [5].

TER OS MESMOS SENTIMENTOS DE JESUS CRISTO

Como explicou em várias ocasiões o Servo de Deus Álvaro del Portillo, glosando os ensinamentos de S. Josemaria, “alma sacerdotal” significa ter os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo [6], Sumo e Eterno Sacerdote: afã de almas; um desejo ardente de unir todas as acções ao Sacrifício de Cristo para a salvação do mundo; procurar a mortificação e a penitência, sabendo que *ter a Cruz, é ter a alegria: é ter-Te a Ti, Senhor!* [7]. A alma sacerdotal conduz a uma entrega generosa, ao zelo que é a intensidade no amor

autêntico, a não dizer nunca basta aos requerimentos de Deus.

Hoc sentite in vobis, quod et in Christo Iesu: Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo [8]. Estas palavras, que talvez tenham rezado os primeiros cristãos e que São Paulo retomou, fazem parte de um hino de louvor à humilhação de Cristo, que nos alcançou a redenção. Quando o Apóstolo convida os Filipenses a ter os mesmos sentimentos de Cristo, refere-se ao seu modo de pensar, de meditar, de se projectar no futuro.

No Evangelho de S. Marcos encontramos a mesma palavra que São Paulo usa para falar dos sentimentos de Cristo. A Caminho de Jerusalém, Jesus anunciava aos seus discípulos que devia padecer muito, ser rejeitado pelos anciãos e pelos príncipes dos sacerdotes e pelos

escribas, ser entregue à morte e ressuscitar três dias depois.

O Evangelista acrescenta que Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-Lo. Então Jesus voltou-se e, olhando os Seus discípulos, disse a Pedro estas palavras duras: **retira-te daqui, Satanás, que não aprecias as coisas de Deus, mas sim as dos homens** [9]. Ter os sentimentos de Jesus, sentir as coisas de Deus, é aceitar o mistério da Cruz e participar neste mistério.

Jesus Cristo, sacerdote eterno, oferece-se a Si mesmo por amor ao Pai para a nossa salvação. Cristo dá-nos o exemplo máximo de que é uma alma sacerdotal, toda orientada a cumprir a vontade do Pai. Ter os sentimentos de Jesus é aspirar ao que Ele deseja, partilhar a Sua vida, as Suas intenções. Graças à vida sacramental, participamos na cruz e na ressurreição do Senhor. A nossa

vida transforma-se porque chegamos à união com Deus e somos protagonistas da Nova Evangelização [10].

Além da dimensão de futuro que traz consigo ter os mesmos sentimentos de Jesus, há uma dimensão de comunhão. Cada um, na Igreja, partilha com os outros batizados o que Cristo leva no coração. Na Carta aos Filipenses, o hino à humilhação de Cristo convida à unidade com Ele, condição necessária para partilhar as Suas intenções, para querer como Ele quer e o que Ele quer. Essa orientação fundamental do batizado é possível porque faz parte do Corpo de Cristo.

O CORAÇÃO, PERTO DO SENHOR

O Ano sacerdotal começou na solenidade do Sagrado Coração de Jesus. O Santo Cura d'Ars dizia que «o sacerdócio é o amor do coração de Jesus» [11]. Poder-se-ia aplicar essa

expressão à alma sacerdotal. Se se ama o Senhor, partilham-se os Seus sentimentos, as ânsias do Seu coração, o Seu afã de almas, o desejo de que muitos corações batam em unísono com o coração de Cristo. Não se trata de algo exterior, mas de um amor autêntico.

A fidelidade de Jesus Cristo, que cumpre a Sua missão salvadora, pede a nossa resposta de fidelidade: o nome do amor no tempo é “fidelidade”. Jesus dá testemunho do amor irreversível de Deus Pai, que espera a nossa entrega pessoal livre.

A Antiga Lei prescrevia determinadas práticas que eram sinal da pureza necessária para se aproximar de Deus [12]; a tradição judaica estendeu-as a outros âmbitos, como os alimentos, para dar uma dimensão religiosa a todas as acções. No Evangelho vemos fariseus cheios de zelo pelas coisas de Deus. Talvez

muitos deles não se cansassem de responder que “sim” a Deus, de não dizer nunca “basta”: desejavam cumprir a vontade divina. Jesus confirmou o seu «costume de se dirigir a Deus como Pai, carácter central do mandamento de amor a Deus e ao próximo (cfr. *Mc* 12, 28-34)» [13].

No entanto, a atitude dos fariseus nem sempre era recta. Um dia, por exemplo, alguns perguntaram a Jesus: **porque não se conformam os Teus discípulos com a tradição dos antigos, mas comem o pão sem lavar as mãos?** [14]. A pureza exterior teria que ser sinal da pureza interior. No tempo de Cristo, o legalismo das normas rituais estabelecidas pela tradição humana tinha afogado o verdadeiro sentido do culto a Deus.

Nosso Senhor denuncia essa atitude: **bem profetizou Isaías de vós,**

hipócritas, como está escrito: “Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. É vão o culto que me prestam, ensinando doutrinas que são preceitos humanos” [15]. E Jesus acrescenta: pondo de lado o mandamento de Deus, observais cuidadosamente a tradição dos homens [16]. Que duras são estas palavras do Senhor: o seu coração está longe de mim! [17]. Então, referindo-se ao quarto mandamento do Decálogo, sobre o amor aos pais, Jesus explica como têm o coração longe de Deus: vós bem fazeis por destruir o mandamento de Deus, para manter a vossa tradição! [18]. Aqueles que justamente deveriam amar mais a Deus, cumprindo a Sua lei, derogam o mandamento e anulam a Palavra.

A alma sacerdotal é a alma que se entrega verdadeiramente aos outros em Deus. É “alma de critério”, como

S. Josemaria desejava ao leitor de *Caminho* [19]. Ser uma pessoa que pensa as coisas na presença de Deus; que discerne e complica a sua vida para compreender e servir os outros; numa palavra, que sabe amar: dá-se e encontra nesse dom de si a felicidade e a paz. Os outros precisam de nós!

O ser humano, desde a sua mais tenra idade – quando, por exemplo, aprende a falar – necessita dos outros para chegar a ser o que na realidade é, para crescer pouco a pouco e formar a consciência [20]. Na vida sobrenatural sucede o mesmo, até chegar à plenitude de Cristo e a comportar-se como filho ou filha de Deus em tudo.

Jesus enviará o Espírito Santo para vivificar a multidão, não a partir de fora, mas porque assumiu a nossa condição de escravos [21]. Tomando sobre Si a nossa morte, pode

comunicar-nos o Seu próprio Espírito de vida. Fá-lo de modo eminente a partir da Cruz, como ensina o Evangelho de São João ao contar a morte de Jesus: entregou o espírito e o Seu coração foi trespassado pelos nossos pecados.

RAZÕES DE AMOR

S. Josemaria abre-nos, de algum modo, a sua alma quando o ouvimos dirigir-se a Jesus Cristo cravado na cruz dizendo: *sou Teu e entrego-me a Ti, e cravo-me na cruz gostosamente, sendo nas encruzilhadas do mundo uma alma entregue a Ti, à Tua glória, à Redenção, à corredenção da humanidade inteira* [22]. A alma sacerdotal vem dessa cruz, da qual não se afastaram Santa Maria nem as santas mulheres. Precisamos de valentia, uma virtude especialmente necessária hoje em dia, para ver e amar a Vontade de Deus, deixarmos levar pelo peso do Seu Amor, que

não é outra coisa senão a Sua glória e a nossa verdadeira vida n'Ele..

A entrega que o Senhor pede é uma entrega autêntica, não formal, que vem da Cruz, da Eucaristia. É total por amor, não pela acumulação de preceitos e regras. Os fariseus já se tinham escandalizado porque um sábado os discípulos iam com o Senhor a passar por entre campos de trigo, e, enquanto caminhavam, começaram a colher espigas[23]. Iam com Jesus, livres, com confiança. Sabiam que, se se tivessem equivocado, o Mestre os teria esclarecido, os teria corrigido. Uma profunda compreensão da nossa fé e do que é seguir a Jesus, longe de qualquer rigidez, significa sintonizar com a substância do evangelho, do cristianismo: com o amor. “Nós sabemos o amor que Deus nos tem e acreditámos nesse amor” [24]: Bento XVI vê nestas palavras de São João «uma formulação sintética da

existência cristã» [25]. O Amor é a própria identidade de Deus. Assim se consegue uma percepção cada vez mais penetrante do que são as obras de Deus: são obras do Amor. No tempo da Igreja, tempo do Espírito Santo, são as maravilhas de Deus: o Espírito Santo, como reza a Oração Eucarística IV, conduz à plenitude a obra de Cristo no mundo.

O próprio nome de “Obra de Deus” previne contra um zelo mal entendido. “Opus Dei”: Deus é Quem actua na Sua Igreja. Temos que “deixar actuar Deus” [26]. Há que lutar, muito, mas essa luta leva-se sempre com a ajuda do Senhor. A vida cristã está bem longe de qualquer tentativa de chegar a Deus, de cumprir os Seus mandamentos, sem a Sua graça, como se o importante fosse o produto do nosso coração: talvez aqui resida a explicação de possíveis derrotas ou fracassos na vida cristã. Se

verdadeiramente queremos não pôr obstáculos a Deus, deixaremos nas Suas mãos os nossos propósitos, os nossos pensamentos, os nossos sentimentos: o que há no mais íntimo do nosso coração.

"Afirmas que vais compreendendo a pouco e pouco o que quer dizer "alma sacerdotal"... Não te zangues se te respondo que os factos demonstram que o compreendes apenas em teoria. Todos os dias te acontece o mesmo: ao anoitecer, no exame, tudo são desejos e propósitos; de manhã e à tarde, no trabalho, tudo são dificuldades e desculpas. Assim vives o "sacerdócio santo, para oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo"? [27]. Nestas palavras, S. Josemaria menciona o trabalho: é o eixo da nossa santificação, e – portanto – um lugar privilegiado para exercitar a alma sacerdotal, como também o são as relações familiares e de amizade, ou a

participação na vida da sociedade, conseguindo que tudo seja apostolado.

Nos ensinamentos do santo fundador do Opus Dei, a alma sacerdotal vai sempre unida à mentalidade laical, que deixa que a verdade ilumine a nossa consciência e nos impulsione a exercitar a nossa liberdade como cidadãos da cidade de Deus e da cidade dos homens. Existe uma justa autonomia das realidades temporais que S. Josemaria proclamou contra ventos e marés e que o Concílio Vaticano II recordou claramente [28]. Com a protecção de Santa Maria, corredentora, a alma sacerdotal do cristão manifesta-se numa grande compaixão com o próximo, como Deus ensina, pois **misericórdia de Deus é para todos os seres vivos.** [29].

G. Derville

1. S. Josemaria, *Forja*, n. 369.
2. Cfr. Conc. Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 10.
3. Cfr. *1 Pe* 2, 5.
4. S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 106.
5. S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 120.
6. *Fl* 2, 5.
7. S. Josemaria, *Forja*, n. 766.
8. *Fp* 2, 5.
9. *Mc* 8, 33.
10. Cfr. Joseph Ratzinger – Bento XVI, *L'elogio della coscienza*, pp. 135-136.
11. São João Maria Vianney, cit. em *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1589.
12. Cfr. *Ex* 30, 17.

13. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 575.

14. *Mc* 7, 1-5.

15. *Mc* 7, 6-7; cfr. *Is* 29, 13.

16. *Mc* 7, 8.

17. *Mt* 15, 8.

18. *Mc* 7, 9.

19. Guillaume Derville, *Une connaissance d'amour. Note de théologie sur l'édition critico-historique de «Chemin» [II]*, «*Studia et Documenta*» 3 [2009] pp. 294-296

20. Cfr. Joseph Ratzinger - Bento XVI, *L'elogio della coscienza*, p. 157.

21. Cfr. *Flp* 2, 7.

22. S. Josemaria, *Via Sacra*, XI estação, ponto 1.

23. *Mc* 2, 23.

24. 1 Jo 4, 16.

25. Bento XVI, Enc. *Deus caritas est*, n. 1.

26. Cfr. Joseph Ratzinger – Bento XVI, *Dejar actuar a Dios*, «L'Osservatore Romano», 6-X-2002.

27. S. Josemaria, *Sulco*, n. 499.

28. Cfr. Conc. Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 36.

29. *Eccl* 18, 12-13.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/editorial-
alma-sacerdotal/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/editorial-alma-sacerdotal/) (06/08/2025)